

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
Dr. JULIO HILARIO VAZ

Redacção e Administração Interinas: Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Lúdrio do Minho, Limitada» - Braga
AVENCA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAS

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00

Melgaço, 1 de Agosto de 1957

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

N.º 143

Santa Rita

Como a grande imprensa do Norte viu e relatou o dia 10 de Junho

(Do enviado especial de «O Primeiro de Janeiro») Coincidindo com a celebração das bodas de prata sacerdotais do rev. do Carlos António Vaz, pároco da freguesia de Rouças e arcebispo de Melgaço há cerca de 15 anos, realizou-se na passada segunda-feira a inauguração festiva de uma nova capela de Santa Rita e de um troço de estrada, na extensão de 4 quilómetros, construída pelos Serviços Florestais, naquele pitoresco e progressivo núcleo populacional do Alto Minho, que se aentesta com a fronteira da Galiza.

Ao mesmo tempo procedeu-se ao lançamento da primeira pedra para o «Lar de Santa Rita», carinhosa obra de assistência e de solidariedade, destinada a crianças, a raparigas e a velhos. Aproveitou-se para esta jornada religiosa e de caridade o dia da festa anual em louvor de Santa Rita, que atrai ali milhares deromeiros e devotos de todas as redondezas e ajuda todos os concelhos limítrofes de Monção, de Valença, dos Arcos de Valdevez e da Ponte da Barca.

As cerimónias tiveram por isso, avultada concorrência e decorreram com muito entusiasmo, até porque o rev. do Carlos Vaz é imensamente estimado e considerado não só em toda a área do concelho de Melgaço como fora dos seus muros.

Estiveram presentes categorizadas individualidades e o sr. ministro das Obras Públicas fez-se representar pelo seu secretário, o sr. eng.º Mário Silva Durão, que sempre se tem interessado pelo engrandecimento de Rouças.

A nova igreja, solenemente benziada pelo sr. Bispo Auxiliar de Braga, que foi

reedificada no mesmo local onde existia uma outra, já de pequenas dimensões para comportar o crescente movimento dos fiéis, é sólida e elegante, no seu traçado singelo, tendo ficado, com os anexos, em 1.100 contos, quantia totalmente adquirida com os donativos dos particulares ali residentes e de numerosos emigrantes, filhos do concelho, que labutam em Espanha, em França, no Canadá, na Venezuela, no Brasil e na Argentina, que generosamente adquiriram aos apêlos do rev. do Carlos Vaz.

A festa, que teve o concurso da banda dos Bombeiros Voluntários dos Arcos de Valdevez, constou de procissão, Missa Campal, a grande instrumental e com a colaboração da «Schola Cantorum» dos Seminários de Braga, sob a regência do «maestro» (rev. do Alberto Brás, e de uma homilia proferida pelo rev. do Benjamim Salgado, pároco de Requião, do concelho de Famalicão, estando o lugar, previamente situado na serra de Pernidelo, já nos contrafortes da majestosa serra da Peneda, ornamentado com profusão e bom gosto.

Na sacristia foram descerrados os retratos de alguns beneméritos da freguesia, entre os quais os dos sr.ºs eng.ºs Augusto Machado, director dos Serviços Florestais do Norte; eng.º Manuel Costa, dos mesmos serviços; eng.º Mário Leitão; e rev. do Carlos Vaz.

ALMOÇO DE Homenagem

No final dos actos de culto, o arcebispo de Melgaço ofereceu, num dos hotéis da estância termal do Pêso, um almoço aos seus colegas, aos convidados e a diversas per-

sonalidades de relêvo local, reunindo ali elevado número de pessoas.

Presidiu o sr. bispo auxiliar de Braga, D. Francisco (Maria da Silva, falecido pelos sr.ºs eng.ºs Mário Silveira Durão, representante do sr. ministro das Obras Públicas, que estava acompanhado de sua esposa; arcebispo de Monção, rev. Alvaro Maximino de Carvalho; D. Maria José Novais, de Barcelos, antiga procuradora à Câmara Corporativa; rev. do Carlos Vaz; eng.º Augusto Machado; e Firmo Salgado; estando nas cabeceiras os sr.ºs rev.ºs António Luís Vaz, director do «Diário do Minho», e rev. do Júlio Vaz, irmãos do homenageado.

Aos brindes, usaram da palavra, para enaltecerem as qualidades de inteligência, de coração e de carácter do arcebispo de Melgaço e os serviços que dedicadamente tem prestado ao concelho, os sr.ºs bispo auxiliar de Braga; rev. do Justino Domingues, pároco de Melgaço; dr. João Mendes, professor do Liceu Nacional de Braga; dr. Artur Anselmo, advogado do Porto; eng.º Mário Silveira Durão, D. Maria José Novais; rev. do Porfirio Alves, pároco de Vila do Conde; rev. do Vicente Gonzalez, pároco de Orense, Espanha; e rev. do Maximino de Carvalho, arcebispo de Monção.

Todos os oradores prestaram calorosa homenagem às virtudes e aos méritos do rev. do Carlos Vaz, sacerdote ilustrado e extraordinariamente activo, que concitou as simpatias gerais à sua volta, antigo professor e prefeito do Seminário Menor de Braga e do Recolhimento de Santa Clara, de

(Continua na 2.ª pág.)

História de uma estante que não chegou a existir

Há já alguns meses que aguardo que me seja feita justiça quanto ao caso da estante que a Câmara Municipal deste concelho havia fornecido à Escola Masculina de Paderne.

Desvirtua-se a verdade, tentando fazer-me passar por pessoa insensata, e, o que ainda é mais grave, conforme o deliberado em reunião de 5 de Abril último, procede-se a inquirito sobre o assunto, e não se esclarece o público, elibando-me daquelas culpas que me foram imputadas.

Porque o público, sobre este assunto, aguarda um esclarecimento que quem de direito não tem querido dar-lhe, proponho-me eu, bem contra minha vontade, pois para isso sou forçado a desviar-me daquela directriz que havia imposto aos meus actos, relatar a maneira como as coisas se passaram.

* * *

A Câmara Municipal de Melgaço, em sua reunião de Outubro ou Novembro do ano passado, por mim presidida, deliberou fornecer à Escola Masculina de Paderne uma estante para recolha dos livros pertencentes a uma biblioteca rural aí existente.

A referida estante foi encomendada por mim, na presença do Sr. Fiscal de Obras, ao marceneiro Sr. João Baptista, pela quantia de 700\$00, com a condição de lhe

(Continua na segunda página)

Cordas de esparto...

Como o leitor amigo já deve saber, anda o sr. Dr. Augusto Esteves muito irritado com o meu aparecimento no jornal «A Voz de Melgaço».

O sr. Dr. já tem uma certa idade e, portanto, larga experiência da vida. É culto e formado em direito. São três motivos para tomar a única atitude capaz em face das acusações feitas: Responder a elas e só a elas.

A que propósito veio uma carta ao Abade de Fiães que não tem nada que ver com isto? Estará o sr. Dr. dorido por aquele, que é vereador da Câmara, não concordar com festas de romba no centenário da comarca e não concordar também com a aquisição, pela Câmara, de vários exemplares do livro do sr. Doutor? Será ainda por ele não encolher os ombros perante a entrega dos destinos do concelho à oposição?

Há um ditado que diz assim: «quem cala, consente». Logo nós estamos na razão, o que aliás já sabíamos.

O sr. Dr. preocupa-se muito com a minha idade. Dá a entender que, no fundo, lhe dói isto de ser uma luta de velhos e novos. A idade para o caso não conta, visto que há velhos aos 16 anos e crianças com 68. Se pensássemos, da forma como o sr. pensa, quem acreditaria nos seus escritos históricos?

Não devo comentar mais nada, enquanto o sr. Dr. não responder às acusações feitas. Como o sr. Dr. abunda em conselhos e ameaças, sempre lhe quero dizer que isso, aos rapazes da minha idade, só faz rir. A tomá-los a sério, teria de concluir que o sr. Dr. está mais velho do que eu suponha ou, então, que nada mudou desde os velhos tempos do padre Celestino...

José Augusto Lourenço

Santa Rita

História de uma estante que não chegou a existir

(Continuação da 1.ª pág.)

Vila do Conde, cuja obra de apostolado social pode considerar-se exemplar.

Por fim, o homenageado agradeceu aquela tão significativa demonstração de apreço e reconhecimento por parte dos seus colegas, amigos e admiradores, prometendo continuar nos seus esforços a bem dos interesses espirituais e materiais dos seus paroquianos.

Os melhoramentos agora inaugurados constituem os primeiros de uma série de realizações já projectadas e que vão ter em breve o seu início — afirmou o orador — pensando-se na construção de um grande santuário erguido a Santa Rita, nos moldes da Senhora da Penha, ali tão próximo, de uma ampla avenida, de arruameamentos, de capelas e de outras benfeitorias complementares.

O rev. do Carlos Vaz foi alvo, ao terminar, de uma prolongada ovação.

O Lar de Santa Rita administrará ensino às crianças que não possam frequentar a escola primária oficial, proporcionarão o-lhes agasalho, roupas, alimentos, medicamentos e uma estadia à beira-mar nos meses calmosos; as raparigas terão o ensino corrente nos centros domésticos de formação do O. M. E. N. e os velhos desamparados o seu «Calvário», segundo as características postas em prática pelo saudoso padre Américo.

Para levar a efeito o seu magnífico sonho, de tão nobres finalidades, o rev. Carlos Vaz, que já percorreu o território da França angariando, junto dos seus conterrâneos, donativos para a nova igreja de Santa Rita, deslocar-se-á em breve até ao Brasil a fim de obter o necessário auxílio entre os melgacenses que emigraram e prosperaram sem (nunca esquecerem a sua terra natal.

(De «O Primeiro de Janeiro» de 12/6/1957)

S. Paio

Scubemos que, em terras de França, deu à luz uma linda menina a sr.ª D. Teresa de Jesus Gomes, esposa do sr. Germano Alves.

Também da mesma nação chegou, há dias, o sr. Armindo Rodrigues, da Ponte.

—De visita à família, esteve cá o sr. António Fernandes, funcionário da Direcção de Finanças da cidade da Guarda. —C.

(Continuação da 1.ª pág.)

serem fornecidos os necessários vidros e ferragens.

Depois de ter dado princípio à obra e de já ter feito parte, o dito marceneiro adoeceu, pelo que só em princípios de Março se resolveu prosseguir com o trabalho.

E como no dia 7 deste mês, quando regressava de Melgaço, junto de Galvão, encontrou, por acaso, o Sr. Fiscal de Obras, pediu-lhe que lhe fossem fornecidos os vidros e as ferragens, ao que ele disse que sim.

Dois dias depois, ou seja no dia 9, foi-lhe entregue a carta seguinte:

«Melgaço, 9 de Março de 1957

Ex.º Sr.

Como não há verba disponível no orçamento para pagamento da estante encomendada, fica a construção desta suspensa até nova ordem.

Sem outro assunto

O fiscal de obras,

(a) Henrique Lucena».

A seguir encontro eu o Sr. Fiscal de Obras a quem pergunto quem pagava o trabalho já feito.

Este diz-me que nada tinha que ver com o caso, pois limitara-se a transmitir uma ordem que lhe fora dada pelo Sr. Presidente. E quando eu lhe observei que era falso não haver verba disponível no orçamento, este diz-me que a informação lhe fora dada na presença do Sr. Chefe da Secretaria.

Esta minha conversa com o Sr. Fiscal de Obras, depois de por ele exposta ao Sr. Presidente, deu origem a uma visita que aquele fez ao marceneiro, a quem apenas perguntou se lhe tinha sido entregue a sua carta. Nada mais, nesta altura, se falou acerca da estante.

Na reunião da Câmara Municipal de 20 do referido mês de Março, o Vereador Sr. Padre Manuel Lourenço perguntou o que havia sobre a encomenda e execução da referida estante. Então os Srs. Presidente e Fiscal de Obras prestaram as informações que foram publicadas no «Notícias de Melgaço», de 24 do mesmo mês.

Ao tomar conhecimento da maneira como os factos aí se passaram, não pude deixar de dirigir ao Vereador Sr. Padre Manuel Lourenço, a carta que a seguir transcrevo.

«Ex.º Sr. Vereador P. Manuel Lourenço

O jornal «Notícias de Melgaço» de 24 do corrente, ao relatar o que se passou na reunião da Câmara Municipal de Melgaço, de 20 do mesmo mês, acerca de uma estante que a mesma Câmara, em reunião por mim presidida, deliberou mandar fazer para recolha dos livros pertencentes a uma biblioteca existente na escola masc. de Paderne, apresenta afirmações que não correspondem à realidade.

Por isso, tomo a liberdade de vir junto de V. Rev.ª contrariar algumas daquelas afirmações.

Diz-se ali que o marceneiro encarregado de fazer a estante ainda a não tinha principiado quando recebera ordens para suspender o trabalho. Isso não é verdade, e facilmente se prova o contrário, tanto com testemunhas como com a apresentação das peças, já então feitas, cuja coloração demonstra não terem sido trabalhadas recentemente.

O Sr. Fiscal de obras quando se deslocou à oficina do marceneiro, simplesmente lhe perguntou se tinha recebido a sua carta. Não cuidou de saber se a obra estava ou não começada. Se tivesse feito a pergunta ao marceneiro, este ter-lhe-ia mostrado várias peças já feitas. Não a fez e o marceneiro calou-se, seguro de que virá a receber o seu dinheiro, ainda que para tal tenha que recorrer ao Tribunal do Trabalho.

Também não é verdadeira a afirmação de que vinte e tal escolas estão nas mesmas ou em piores condições e têm o mesmo direito da de Paderne... De todas as escolas do concelho apenas duas ou três possuem bibliotecas rurais, e, por isso, necessitam de estantes, que, conforme o § 2.º, do art.º 2.º, do Decreto-lei n.º 36.147, lhes devem ser fornecidas pela Câmara Municipal. A uma delas já a Câmara forneceu a respectiva estante, donde se conclui que não houve favoritismo para a escola de Paderne. Parece, do que se passou naquela reunião, que, agora, há má vontade à escola masculina de Paderne,...

Pode fazer desta o uso que achar necessário.

Aproveito o ensejo para apresentar a V. Rev.ª os protestos da mais distinta consideração do amigo,

(a) Manuel de Pinho Gonçalves».

Esta carta foi presente à reunião de 5 de Abril, e em face dela deliberado que se averiguasse a verdade sobre o caso da estante.

Para isso, no dia seguinte e por volta das 13 horas, o Sr. António de Sousa, Fiscal dos Impostos, acompanhado do Sr. Regedor da freguesia, obrigam o marceneiro a acompanhar aquele Sr. Sousa, que devido ao rigor das ordens recebidas, nem sequer o queria deixar mudar de roupa...

Conduzido à Câmara Municipal, aí esperou durante cerca de uma hora que o ouvissem em auto de declarações.

Foi acareado com o Sr. Fiscal de Obras, mas, apesar de ter sido conduzido sob prisão até ao gabinete do Sr. Chefe de Secretaria e de conservado incommunicável até ao momento de ser ouvido, manteve a verdade, que é a que ficou relatada. Segundo me consta, o Sr. Fiscal de Obras, depois de um esforço de memória, concordou, em parte, com ela. Também segundo me informou o próprio marceneiro, no auto não figuram certas afirmações suas...

Acerca de duas afirmações que constam do auto, encontra-se em meu poder a seguinte declaração, subscrita pelo marceneiro:

«Declaração

Eu João Baptista, casado, etc. . . ., declaro que, quando no dia 6 do corrente mês prestei, na Câmara Municipal, declarações acerca de uma estante que me havia sido encomendada, eu disse que não recorreria ao Tribunal de Trabalho, em atenção à pessoa que me fez a referida encomenda, o Sr. Professor Manuel Luís de Pinho Gonçalves, afirmação esta que não constou do auto de declarações que na ocasião foi lavrado; mais declaro que, quando afirmei não me interessar concluir a estante, isso foi devido a diversas pessoas, entre as quais algumas de bastante cultura, me terem dito que, depois de esta concluída, a Câmara Municipal, só para me prejudicar, podia retardar, por muito tempo, o pagamento da mesma; portanto, em vez de vir a ter este prejuízo, eu prefiro perder o que já está feito.

Paderne, 8 de Abril de 1957.

(a) João Baptista».

Quando à resposta que o Sr. Presidente deu ao Vereador Sr. Padre Manuel Lourenço, na já referida reunião de 20 de Março, e quando este lhe disse que aquela resolução fora tomada em reunião do ano passado, julgo-a bastante descabida, pois:

1.º—Nada tinha que constar, acerca da estante, das contas de gerência, pois, como a obra ainda não fora entregue, não existia qualquer dívida, e no caso de existir, devia apenas constar do Relatório da gerência; porém, como este é feito pelo Presidente e não pela Câmara, só a ele pode ser atribuída qualquer responsabilidade na sua execução;

2.º—A verba orçada, se a memória me não atraíção, foi de 1.000\$00 e não de 800\$00 conforme o Sr. Presidente declarou. Bem sabemos que para as necessidades existentes, é muito pouco, porém, a gerência do ano findo, a que teve a honra de presidir o Director da escola a que se destinava a estante deixou um saldo disponível de perto de meia centena de contos para reforço dessa e doutras verbas que por acaso sejam insuficientes. E porque o 1.º orçamento suplementar já foi feito, é de presumir que esta verba tenha recebido o necessário reforço;

3.º—Junto da Escola Masculina de Paderne existe uma biblioteca rural, fornecida pelo Ministério da Educação Nacional, que, presentemente, possui 166 livros e que, por falta de estante própria, se encontram arrumados, em precárias condições, num armário muito antigo. Além destes 166 livros da biblioteca rural n.º 884, ainda aí existe uma Coleção Educativa da Campanha Nacional de Educação de Adultos, com 47 livros. São ao todo 213 livros.

Depois de expostos os factos, não os comentamos! Essa tarefa fica a cargo do leitor bem intencionado e sempre amigo de fazer justiça. Apenas, mais uma vez, pretendemos frisar que já vão passados perto de quatro meses sobre o inquérito levado a efeito em cumprimento do deliberado em reunião de 5 de Abril.

Creio já ter havido tempo de sobra para repor a verdade!

M. Pinho Gonçalves

Da Vila

Julho, 25.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Orá vá já só mais este "contra-peso" de prosa para com ele encerrarmos as lúgubres considerações que à cerca de cemitérios, etc., há algum tempo a esta parte aqui vimos tecendo. Que se nos perdoe a insistência, pois, a nosso ver, não basta só sepultar os mortos para que seja uma obra de Misericórdia; é preciso algo mais: — sepultá-los com decência.

Os tempos mudaram... e, como mudaram, principalmente nas freguesias desta Vila, Prado, Chaviães, Rouças, etc., já não forma sentido levar-se os cadáveres a enterrar a braço de homens, sendo, portanto — à semelhança do que se faz lá para o Sul — imprescindível o uso duma carreta funerária adequada para tal fim. Estas carretas, que hão-de ser adquiridas e fornecidas pelas respectivas agências funerárias, mediante um pequeno estipêndio, está bom de ver, podem ser de linhas simples, com seu docel rematado por uma cruz latina, apenas duas rodas e um temão a que pegam dois homens — mais ou menos, como umas que "A Voz do Operário" em Lisboa, tem para levar a inumar os cadáveres dos seus associados dos subúrbios daquela cidade.

Crispino

Uma Macrôbia — Com a provecta idade de 102 anos, faleceu, no pretérito dia 19, em Souto Mendo de Baixo, Fiães, a s.ra Joaquina Rosa Gonçalves, que segundo nos dizem conservou sempre inteira lucidez.

102 anos é, realmente, uma idade invejável. Paz à alma da s.ra Joaquina Rosa Gonçalves.

Outro falecimento — Nesta Vila e em casa de sua cunhada, s.ra Elvira de Almada Fernandes, também faleceu a s.ra Teresa Delfina Fernandes, de 85 anos, natural de Paderne. R. I. P.

Ensino — Estamos em plena azáfama de exames e, que nos conste, não tem havido reprovações, o que é muito de louvar e aplaudir.

O tempo e a agricultura — Vem fazendo um calor abrasador, próprio da época, aliás.

— Nos vinhedos, não é difícil topar-se com a presença de mildio; mas, mesmo assim, se se salvar todo o vinho que se nos patenteia... há-de haver uma pinga razoável. As demais, culturas, para já, mostram-se com aspecto satisfatório.

— Agora, aos interessados, lembramos que em Agosto podem semear: — aipo, alfacs (próprias da época), betarraba para salada, cenouras, couves diversas (especialmente repolhos), espinafres de grão áspero, nabos, rabanetes e salsa. Também podem semear: — erva-molar, sanfeno, sorgo, serradela, luzerna, trevo e tramogós.

— Ultimam-se os enxertos de borbulha; vão-se já preparando os lagares e vasilhame, e, onde não falte água para rega, plantam-se bróculos, olive-flor, repolhos, lombardas, etc..

Agosto e vindima não vêm cada dia, mas, sim, cada ano: uns com ganância e outros com dano.

P. Manuel Lourenço

Prado, 25

A fim de acompanhar o seu irmão Duarte, que seguiu de avião, para o Canadá, esteve, em Lisboa, na semana passada o rev. do padre Manuel Lourenço, muito digno Abade de Fiães, e ilustre vereador da Câmara Municipal.

Prof. José Augusto Lourenço

Acompanhado de sua esposa segue, nos primeiros dias deste mês, para Bragança, o nosso querido amigo, Prof. José Augusto Lourenço.

Com sua gentil Esposa, a Ex.ma Sra D. Maria Eugênia Conde Coelho Pinheiro, esteve alguns dias entre nós o nosso ilustre amigo sr. Anibal Amadeu Lopes Pinheiro, de Lisboa.

— Também com sua Ex.ma Esposa, s.ra D. Maria de Lourdes Magalhães Machado Lourenço, esteve na sua casa da Fichosa, onde veio assistir à festa do aniversário natalício de sua gentil filha Antónia de Jesus, o nosso querido amigo sr. Martins Lourenço, benquista comerciante na Foz do Douro, a quem tive o prazer de abraçar.

— Está para o Porto, onde

Parada do Monte, 26

PARTIDAS E CHEGADAS — Do Porto regressou o menino Manuel da Rocha. Aquele menino caiu da ceceira da Minhoteira e felizmente já se acha em convalescença.

— Vindo de França chegou à sua casa no lugar do Carrascal o sr. António Rodrigues e os Srs. Justino Afonso e Justino Rodrigues, do lugar da Trigueira.

— Para França partiram os srs. Justino Pires e Manuel Farnendes.

Vindo de Cascais chegou o sr. Francisco da Rocha.

O TEMPO E A AGRICULTURA — Finalme sempre chegou o tempo almejado bom tempo que já não era sem tempo que viesse. Está-se procedendo à ceita dos fenos e dos centeios. Está-se procedendo, também, às regas dos milhos que este ano estão muito bons. Este ano vai haver muito menos vinho do que o ano passado. Pois nem a nasença foi tão boa, nem a purga. Mas temos que nos conformar com aquilo que Deus manda.

— Já se fizeram os exames de 1.º e 2.º graus e parece que todos os alunos ficaram bem. Por este motivo felicitamos os alunos e professores.

RELÓGIO NA TORRE — Já está finalmente o relógio na torre. Mais depressa do que nós contávamos. Pois pensávamos que o relógio só seria colocado na Torre pelas marés da Festa Grande, mas afinal já está a marcar as horas. Foi ontem, dia 25, às 8 horas da tarde que marcou as primeiras horas.

Tem pois a nossa freguesia um grande melhoramento. Um melhoramento incalculável que só agora se vai ver.

A quem se deve este grande melhoramento?

Em primeiro lugar ao nosso querido Abade que se ele não fosse, nunca o relógio seria colocado na torre. E em segundo lugar ao bairro do povo desta freguesia, que sempre está pronto a contribuir com o seu óbolo para o engrandecimento da nossa terra. Não queremos

foi tratar da sua saúde, a s.ra D. Albertina dos Prazeres Rodrigues da Silva, a quem desejo as melhores boas melhoras.

— Estão a prestar provas de exame na escola masculina da sede do concelho os alunos do 2.º grau da escola desta freguesia.

— E é ponto assente a não realização da festa em honra do nosso glorioso Padroeiro S. Lourenço. Tudo acaba neste mundo. — C.

Chaviães, 23

FESTIVIDADE — Realizaram-se nos passados dias 20, 21 e 22 do corrente as tradicionais e grandiosas festas em honra da nossa gloriosa Padroeira — S. Maria Madalena.

No dia 20, ao meio dia depois do toque festivo das Ave-Marias, ouviu-se uma grande e variada sessão de fogo que muito agradou. Seguidamente a Cabine-Sonora Melgacense deu início ao seu programa de início e variadíssimos discos que executou durante toda a tarde e que muito animaram o povo tanto da freguesia, como das freguesias vizinhas.

A noite houve uma linda procissão de velas que seguiu o itinerário do costume e na qual foi transportada entre preces e cânticos a imagem da nossa Padroeira. Ao terminar a procissão um distinto orador sagrado proferiu um lindo sermão, exaltando as virtudes de S. Maria Madalena e convidando todos os filhos desta freguesia a seguirem o seu exemplo. Depois o nosso zeloso Pároco deu a todos os assistentes a bênção do S. Sacramento. Imediatamente nova e bela sessão de fogo anunciou a grande festa que se ia realizar no dia imediato. Durante todo este dia a afamada orquestra de Parada do Monte, percorreu todos os lugares desta freguesia mimoseando o povo com as suas lindas peças musicais.

No dia 21, ao amanhecer, o toque do sino acompanhado de nova girândola de

dizer (com isto que o relógio já esteja pago. Pois não sabemos se já está pago, mas se já está pago o sr. Abade pagou com o dinheiro dele. Porque ainda há muitos que não entraram com a sua cota. Esperamos que todos contribuam com a sua cota, cada um conforme as suas possibilidades. Pois que o proveito é de todos, e aonde todos ajudam nada custa.

— Agora contamos que a estrada não tardará também em vir. Pois há todas as esperanças que nela ainda principiará este ano. Depois de vir a estrada, precisamos dos telefones, um melhoramento também da máxima importância, para a freguesia.

Pois havendo a estrada e o telefone, em caso de urgência, já se pode chamar um médico rapidamente. Pois com estes melhoramentos, a nossa freguesia caminhará na vanguarda. Estes melhoramentos podemos-os ver realizados dentro de pouco tempo. Depois precisamos da electricidade. — C.

fogo fez despertar a todos anunciando que Chaviães estava em festa.

Às onze horas teve lugar a Missa Solene, sermão em honra de S. Maria Madalena e no fim uma magistosa procissão, na qual se incorporaram todos os organismos católicos com os seus uniformes e estandartes e muito povo da freguesia e de fora. Da parte de tarde effectou-se um grande e magnífico arraial abrihantado pela Cabine-Sonora Melgacense e pela acedida a banda de música dos Milagres, do vizinho concelho de Monção.

No dia 22 — dia da nossa bendita Padroeira — houve Missa cantada por um grupo de jovens seminaristas. Ao respectivo intervalo subiu ao púlpito o mesmo orador que já tinha feito os sermões dos dias anteriores e que muito agradou, e que é digníssimo pároco da freguesia de Crisóval.

De tarde outro lindo arraial efectuado pela Cabine-Sonora Melgacense que foi muito concorrido. A tardinha foi deitado muito fogo com o qual terminaram as grandiosas festas em louvor da nossa Padroeira.

A digna comissão composta apenas pelo juiz sr. António Alves Ramos e secretário sr. Manuel António Alves, está pois de parabéns, porque se estes não fossem estas grandiosas festas não se realizavam, mas S. Maria Madalena os saberá recomendar o muito trabalho que tiveram e todo o povo lhes está muito grato.

Aos filhos desta freguesia ausentes no estrangeiro e que concorreram para estas festas com as suas avultadas esmolas, as quais muito contribuíram para o brilhantismo das mesmas, a comissão, bem como o povo, muito lhes agradece.

DE FÉRIAS — Em gozo de bem merecidas férias encontra-se em casa de seus pais, no lugar das Lages, a menina Maria Emilia de Carvalho, muito digna regente escolar e filha muito querida do sr. Armando Miguel de Carvalho e da s.ra D. Amélia de Jesus Araújo. Que aproveite bem as mesmas e que se passe com saúde em companhia de seus pais, são os votos sinceros de sua família e pessoas amigas.

— Vinda de Braga, também para passar as suas férias, encontra-se em casa de seus pais, no lugar da Igreja a menina Maria Alice Lima, distinta aluna de um dos colégios de Braga, filha do sr. Manuel Luis de Lima. (Continua na 4.ª pág.)

Rouças, 26

A festa em honra da nossa Padroeira, S. Marinha, excedeu todas as expectativas.

De manhã, às sete a santa missa foi celebrada pelo Sr. P.e Esteves, digno Abade de Couso e ilustre filho desta terra, tendo distribuído a sagrada comunhão a muitos fiéis. As nove horas, as duas bandas de música, dos Arcos e Ponte do Lima, deram entrada no adro da Igreja e começaram a executar as melhores peças do seu repertório. Eram onze horas, quando o nosso rev. pároco subiu os degraus do altar, para começar a santa missa solene, com a assistência de seis clérigos e muitos fiéis.

O rev. P.e Júlio Vaz fez o panegírico da nossa gloriosa Padroeira, e a procissão que decorreu com a melhor ordem e respeito foi a melhor que aqui se tem realizado, sendo muito lindos os andores e 48 as crianças que tomaram parte no figurado.

De tarde, as duas bandas continuaram os seus toques, que muito agradaram. Foi uma grande festa.

A Comissão das festas, a que presidiram os nossos amigos, Armando Rodrigues, de Corções, João Vaz, de Cerdedo, Albino Dias, digno guarda-florestal, de Cavaleiros, e Diamantino Gomes, de Corções, está de Parabéns. Juntou para despesas uns 15.000\$00. No coro, as duas músicas cantaram a missa de S. Clara sob uma única regência.

Para o ano são juizes os nossos amigos, Srs. Professores Vaz e Romano.

Ao alto-falante foram lidos os donativos que foram entregues, quer daqui, quer do estrangeiro. Em França, o nosso amigo, Vitor Meleiro Alves, conseguiu 1.000\$00 em Verdun; o Penedas da Avelha, 10.000 francos, os Marques, de Cavaleiro Alvo, também bastante milhares de francos. O pessoal da estrada portou-se muito bem, como já é costume.

Uniram-se em matrimónio, na passada segunda-feira, na igreja paróquial de Rouças, os nossos amigos, João Júlio Nabeiro da Rocha, da vila e Ena Fernandes, de Corções. Os noivos seguiram para Braga em viagem de núpcias. Foram padrinhos a Senhora D. Maria Erménia Durães, e o senhor Luís Bismark Teixeira Pinto. Os nossos votos de longas felicidades.

Partiu para o Canadá o nosso amigo, Duarte Lourenço, de Cavaleiros. E para França, António Fernandes, da Aldeia. António da Costa, da Carreira e outros.

Daqui a dias, seguem mais.

De Peso do Minho

Julho, 28.

Realizou-se para confraternização entre os Presidentes das Câmaras do distrito de Viana do Castelo, um almoço dado no Grande Hotel Águas de Melgaço (Ranhada), ao qual se dignou presidir Sua Ex.cia o nosso estimado Governador Civil.

Torneio de tiro aos pombos — Realizou-se neste concelho um torneio de tiro, a favor dos Bombeiros Voluntários desta comarca para a disputa das seguintes taças e prémios em dinheiro:

- 1.ª taça: A. H. Bombeiros Voluntários e 400\$00, atribuída a Antero Rodrigues, de Monção.
- 2.ª taça: José Lobo Maia e 250\$00, atribuída a João Lobo Maia, de S. Gregório, Melgaço.
- 3.ª taça: Dr. António Durães e 200\$00, atribuída a Brito de Amorim, de Arcos de Valdevez.
- 4.ª taça: José Esteves (Cabana) e 100\$00, atribuída a Joaquim Ramon Ivars Mestre Crespo, de Ponte de Lima.
- 5.ª taça: Ourivesaria Lucena, atribuída ao sr. Dr. Pessoa, de Ponte de Lima.

Houve ainda as taças Comércio de Melgaço para o 1.º classificado do concelho, sr. João Lobo Maia.

Taça Aqistas do Peso, para o 1.º classificado dos concelhos de Monção e Arcos, sr. Antero Rodrigues.

Taça Comércio e Indústria do Peso, para o 1.º classificado dos concelhos de Ponte da Barca e Ponte de Lima, sr. Joaquim Ramon Ivars Mestre Crespo.

No passado dia 24, teve as suas bodas de ouro como advogado, o nosso amigo sr. Dr. Dantas Carneiro, que há 25 anos preside com distinção aos destinos do seu concelho. Foi essa data festejada com uma missa pelas 12 horas, celebrada pelo rev. Arcipreste de Caminha na igreja

Encontro Nacional dos Graduados da M. P.

Mais uma feliz iniciativa vem assinalar o surto de entusiasmo que anima as actividades da Mocidade Portuguesa e lhe imprime ritmo de incessante progresso.

Trata-se, agora da realização em Lisboa, nos dias de 1 a 4 de Agosto, do primeiro «Encontro Nacional dos Graduados da M. P.» em que tomam parte representantes de todas as Províncias do Continente, coincidindo com o termo do Curso de Julho da Escola Central de Graduados e o início dos Cursos de Agosto.

Entre os objectivos desse «Encontro Nacional» — que, de resto, corresponde à concretização de um dos votos formulados na «Conferência de Graduados», que antecedeu, no ano findo, ao «Congresso Nacional da M. P.», integrada nas comemorações do ano XX da Organização — destacam-se o estudo da remodelação das actividades dos Centros de Formação Geral, superiormente ananciada para o próximo ano lectivo; a apreciação dos aspectos de que se reveste a obra educativa da M. P. junto dos vários escalões dos seus filiados; o estabelecimento de mais íntimos laços de camaradagem entre os actuais e futuros chefes juvenis da M. P. e a afirmação dos princípios formativos da juventude que se baseiam não só na unidade da Metrópole com as Províncias Ultramarinas, como também nas perspectivas criadas pela Comunidade Luso-Brasileira.

Merece especial registo a circunstância de se tratar de um empreendimento espontâneo de alguns graduados que, embora tendo merecido o melhor apoio quer do Comissariado da M. P., quer do sr. dr. Baltazar Rebelo de Sousa, ilustre Subsecretário de Estado, da Educação, se mantém por expresso e louvável propósito dos seus promotores, no plano de iniciativa particular, vivendo apenas do espírito de dedicação e de sa-

crifício de quantos graduados quiserem participar no «Encontro». Com efeito, todas as despesas correrão por conta dos próprios graduados, que constituíram já um «fundo de inter-ajuda» e assim confirmam a razão que assistia ao Prof. Doutor Marcelo Caetano, quando ainda Comissário Nacional da Organização, acentuava que «cima de tudo, a M. P. é alma e obra dos rapazes e para os rapazes».

A confirmar o que escrevemos aqui fica este depoimento, extraído da própria circular enviada aos graduados de todo o País e que é bem expressiva prova do idealismo sincero que anima os promotores do «Encontro» e certamente será correspondido por todos os rapazes de espírito aberto à generosidade impetuosa dos corações juvenis, sem prontos a bem servir:

«Precisamos de conhecer-nos melhor, nós que somos da grande família M. P. Vamos conversar sobre a nossa experiência. Vamos tentar resoluções para o futuro. Sobre tudo agora, quando entramos num período novo de actividade, não podemos dimitir-nos de tocar a consciência da missão concreta que nos cabe, como jovens guias doutros jovens».

Durante a realização do «Encontro Nacional dos Graduados da M. P.», efectuar-se-ão algumas cerimónias de transcendente sentido para a Comunidade Luso-Brasileira, para que vão ser convidados membros do Governo e o Embaixador do Brasil em Lisboa.

Essas cerimónias desenvolver-se-ão em redor do Estádio Nacional, onde ainda há bem poucas semanas, no «Dia de Portugal» e na presença do Prof. Doutor Oliveira Salazar, a M. P. fez erguer lado a lado as bandeiras de Portugal e do Brasil. Foi uma altação de lusitanidade que como se vê, não caiu no esqueci-

mento dos jovens.

De 1 a 4 de Agosto, a vinte anos de distância da sua primeira «Escola de Graduados» a Mocidade Portuguesa terá neste «Encontro» mais uma afirmação da sua continuidade. E por isso bem justificado o interesse que o empreendimento suscitou, desde o Minho ao Algarve, entre comandantes de castelo, de bandeira e de falango, os quais estão estabelecendo contacto com a «Comissão Permanente de Graduados», que para o efeito funciona no Comissariado Nacional da M. P. (Palácio da Independência).

Dentro do grande plano de actividades que a M. P. leva a efeito durante as férias — Cursos de Graduados, Campo de Trabalho, Acampamentos e Colónias de Férias, visitas de intercâmbios e o Cruzeiro Náutico — o «Encontro Nacional dos Graduados» tem justo lugar de relevo. Todos quantos nele tomarem parte terão a noção exacta de que contribuíram para um futuro melhor da juventude de Portugal.

Chaviães

(Continuação da 3.ª pág.)

comerciante na nossa vila e de sua esposa sr.a D. Maria Esteves Calçada. Que descanse muito para no fim das férias prosseguir nos seus estudos, são os nossos desejos.

Vindo da mesma cidade, com o fim de disfrutar as suas férias, está entre nós o jovem seminarista Manuel Ramos, filho muito querido do sr. António Alves Ramos e de sua esposa. Desejamos-lhe que aproveite bem as mesmas para no fim delas continuar os seus estudos.

Encontra-se também vindo de Braga a menina Augusta Lourenço, do lugar das Lages, filha do sr. Alípio Lourenço e de sua esposa sr.a D. Filomena Pinto. Em sua companhia e de seus pais encontra-se também seu irmão sr. José Lourenço, vindo de Lisboa. —C.

Abel Vaz

Concluiu o curso dos Liceus o nosso querido conterrâneo, Abel Vaz, natural de Loviô, tendo obtido a elevada classificação de 17 valores, motivo por que foi dispensado do exame de admissão à universidade. Nossos parabéns.

Matriz, seguida dum lauto banquete oferecido por seu sobrinho Germano Carneiro, na sua residência em Seixas, estando presentes algumas dezenas de pessoas, entre as quais nos recordamos ter visto os srs.: Comandante Sousa Ventura, Major general da Armada; Primo de Sá Sotto Mayor, oficial de alta patente e muitas outras altas individualidades distinguidas entre a nossa melhor sociedade.

Aos brindes foram enaltecidos os nobres dotes do homenageado.

E' grande a afluência de aqistas a estas termas. Os hotéis estão com numerosos aqistas, destacando-se, como nos demais anos, o Grande Hotel Águas de Melgaço (Ranhada). —(C.).

Efemérides

"Aos vinte e seis do Mes de Julho do anno de mil e setecentos e setenta e tres annos tomaram por devoçam a festa de Sta Marinha (de Rouças) e prometeram esmollas p.a fazer a D.ª festa os seguintes p.a o anno de mil e setecentos e setenta e quatro annos.

Agostinho Pereira de Eiro	esmola — 4.800
Miguel de Castro do Reguengo	» 4.800
João de Sousa da Quinta	» 800
Jose Dom.es dos Peres	» 300
Jose Diogo f.º de Antonio Esteves da Igr.ª	» 480
Manuel Ant.º f.º de D.ºs frs da vinha de Cima	» 480
Lourenço f.º de M.el de Castro do tilheiro	» 480
João Pr.º do Paço	» 480
Isabel e Maria Anna f.ªs de M.el Pires da Pombeira	» 480
Agostinho Jose de Castro das Cavencas Irg.ª de S. Pajo	» 1.040
Maria Anna e Albina f.ªs de D.ºs frz da Sgr.ª	» 480
Sebastião f.º de M.el frs de Bilhoens	» 480
Manuel Antonio f.º de Bernardo de Corçaens	» 480
Bras Domingues da Carreira	» 480
Diogo Lourenço do Sobral	» 480
Anna Maria gls. v.ª daberdade	» 240
Anna Maria v.ª do Porto	» 120
Roza f.ª de Ant.ª Dom.es de Gilhoëns	» 120
Roza f.ª de Ant.ª Dom.es de Bilhoëns	» 120
M.el Lourenço omoso do Sobral	» 240
Ign.º da Silva de Melg.º	» 480
Antonio Joze que dara asua custa tanbor de Guerra p.a se tocar na festa e de esmola 1.200 que he de Melgaço	» 1.200
Fr.co Quintenla da Aldeja	» 480
Manuel Lço ovelho do Sobral	» 480
Boaventura Als. em.er dos Carvalhos	» 480
Maria f.ª de D.ºs fres. da binha de Cima	» 120
Antonio Meixeiro de Bilhones	» 480
Jose Duranes da Ponheiro	» 480
Luiz Gl.s do Paço	» 480
Manoel f.º de M.el Quintenla do tilheiro	» 400
M.el Durãnes do tilheiro do Quinteiro v.º	» 800
Manoel Ant.º e seu tio Ant.º Esteves da Ponte de S. Pajo	» 480
Joze Meixr.º de Lovjo	» 240
Joze Gl.s da Picota	» 240
D.ºs Gl.s de Luvjo	» 240
Pedro Esteves de Caballeiros	» 200
D.ºs Gl.s moso Alfaate de Lubjo	» 240
Antonio Lourenço de Galvam	» 480
M.el Alz. Surigiano da Raza	» 240
Maria Gl.s. v.ª da Eira do tilheiro	» 120
M.el Roiz de Olleiros	» 300
Bento Esteves da Cela	» 800

E the oje oito de Mayo de 74 não ha mais mordomos e Salvo ero Somao 27.460 (reis?)

(Do Livro das Eleicoens das Festas, fls. 86 v.º 87 e 87 v.º).

Claro que isto foram só esmolas prometidas, possivelmente na festa do Senhor do referido ano de 1773, onde os respectivos subscritores apanhados ao pé dos seus derriços... não quiseram dar parte de fracos; mas daí a todos terem cumprido com a palavra dada... vai uma grande distância.

Agora, ao meu leitor menos familiarizado com aquelas arcaicas abreviaturas do texto, devo eu explicar que: Als., Alz., Ant.º, D.ºs, Dom.es, em.er, F.co, f.º, Frs., Gl.s., Ign.º, Igr.ª, Lço, Meixr.º, M.el, pa, Pr.ª, Roiz e v.º, significam, respectivamente, Alves, Alvarez, António, Domingos, Domingues, e mulher, Francisco, filho, Fernandes, Gonçalves, Inácio, Igreja, Lourenço, Meixeiro, Manuel, para, Pereira, Rodrigues e viúvo.

Mário

Sociedade

ANIVERSÁRIOS

Fazem annos:— hoje o sr. Armando das Neves Soares; amanhã as meninas Maria Beatriz Lopes de Sousa Cardoso e Maria José Ferreira Garcia e o rev. José Alberto Gomes de Sousa; no dia 5 a menina Amélia da Conceição Esteves e o sr. Manuel Joaquim Dias de Figueiredo; no dia 6 a s.ra D.ª Maria Adelina Trancoso Bermudes e os s.r.s António Valdemar Caldas e José Joaquim Domingues (Ferreiro); no dia 7 a s.ra D.ª Palmira de Jesus Vaz Alves; no dia 8 as s.r.s D.ª Beatriz da Assunção Pinto da Silva e Maria dos Prazeres Soares; no dia 9 o sr. Alberto Marques; no dia 11 a s.ra D.ª Maria Madalena Gomes de Sousa e o menino José Augusto Moraes Esteves; no dia 12 a menina Maria Fernandes Afonso e o sr. João Rodrigues de Sousa; no dia 13 a s.ra D.ª Iracema de Almeida e (Sousa) e o menino António de Jesus Fernandes Pereira; no dia 14 as lmeninas Ana Julieta da Costa Alves e Maria Fernanda Rodrigues de Araújo e o sr. Amândio Francisco de Sousa e Castro, no dia 15 a s.ra D.ª Maria Adelaide Salgado Soares.

Ora eu já me referi a esta Efeméride em «A Voz de Melgaço» de 1 de Agosto de 1951. Como, porém, desde então a esta parte, devos conhecimentos chegaram até mim... aproveitei o ensejo para a completar.

Pois este D. João Pires, a cujo apelido podemos acrescentar o de Palhares, por ser filho segundo-génito de Pedro Anes de Palhares, primeiro Senhor de que há memória do Paço deste nome em Trute, Monção, e padroeiro da igreja de Sta Eulália da mesma freguesia, não foi Prior Geral de Santa Cruz de Coimbra, como escrevi algures, mas tão somente de Paderna. Segundo uma Lembrança que há dias o meu inestimável amigo sr. Jaime Macker Gonçalves me remeteu de Lisboa, lembrança talvez escrita nos fins do Século XVII, dele... ha memorias nos prazos de Lutoozas de val de poldros anno 1222 (ainda que esta data me pareça estar errada).

Era, pois, o nosso Prior D. João Pires de Palhares oriundo desta tão antiga como nobre Casa, e era irmão inteiro do Senhor da mesma Gil Pires de Palhares, pai de D. Afonso Gil de Palhares... de q.m. faz menção amanda de Gil Esteves Brandão (o tal monçanense que, em 1388, esteve na tomada de Melgaço, onde se locupletou com muita coisa boa...) atres de Agosto de 1419 q. dis ser falecido Aff.º Gil de Palhares eter humas cazas na rua do Castello o qual Afonso Gil, foi Senhor da Casa de seu pai e avô — Casa esta que, segundo a mesma Lembrança, em 1222, foi visitada p.r Luis Cezar, Aparicio Gls.º Cavalros de el Rej D. A.º o 3.º vizitadores de entre donro e Mipho, das honras antigas p.a

NASCIMENTO
Na Maternidade do Hospital da Misericórdia deste concelho, nasceu um lindo e robusto menino, filho do nosso prezado amigo e conhecido motorista desta praça sr. José Joaquim Pires e de sua esposa, s.ra D.ª Teresa de Jesus Martins Pires.

Tanto a mãe como o recém-nascido, passam bem.

BAPTIZADO
Com o nome completo de João Manuel Soares de Magalhães Rodrigues, foi solenemente baptizado, no pretérito dia 14, na Matriz desta Vila, um filhinho do sr. Fernando de Magalhães Rodrigues, muito digno agente da Policia Judiciária, em Lisboa, e de sua Ex.ma Esposa, s.ra prof.a D. Armandina Soares de Magalhães.

depassarem das q. anão fossem, eo foral antigo da camara de Monção dezia q. acaza de P.º Annes de Triunte q. era o S.or dos Palhares hera honrada por ser honra antiga dos filhos dalgo, eq. assi adeixava empe p.a nella não entrar contehr em q. fosse de filhos dalgo.

(*) — O ano 1302 desta inscrição e dia era de César que, como é sabido, corresponde ao de 1264 da era do Cristo que adotamos.

Mário

Rodrigues, tendo sido para: ninfado pela galante meretriz Maria da Conceição de Magalhães Rodrigues e pelo sr. Jorge Soares, respectivamente, sua tia-paterna e seu tio-paterno.

«A Voz de Melgaço» faz votos pelas felicidades do neo-cristão.

NOVO ENGENHEIRO

Com alta classificação, acaba de ser licenciado pela Faculdade de Engenharia do Porto o sr. eng. Gilberto Guerreiro Rainhada, filho querido do nosso prezado amigo e conhecido desportista sr. José Guerreiro Rainhada e de sua chorada Esposa, s.ra D.ª Maximina Augusta Vaz Rainhada.

O nóbél engenheiro fez distintamente todo o seu curso, sendo as provas escritas deste seu último exame tão brilhantes que o respectivo juri o dispensou da prova oral.

Receba, pois, o querido amigo o nosso abraço de felicitações.

NOTAS PESSOAIS

Com sua Esposa e filhinha, encontra-se no Pazo, hospedado no Hotel Rocha, o sr. Lindoso Solheiro de Oliveira.

—Também se encontra nesta Vila o sr. José Luis de Araújo, zeloso soldado da G. N. R. em Lisboa.

—Com sua Esposa e filhinhos, é esperado, aqui, dentro de dias, o nosso prezado amigo sr. António de Jesus Merim, empregado duma importante firma comercial e industrial de Macón, França.

—Também aqui é esperado o nosso estimado amigo sr. Luis Gonzaga de Araújo, soldado da G. F. no Algarve.

—E chegado do Brasil, está em Paderna o sr. Alexandre Paesos Pereira, dos Moçambicos.

Boas-vindas.

António Domingues Veiga

A passar as férias esteve na Gave, em casa dos seus pais, o nosso prezado amigo e assinante António Domingues Veiga, que regressou no dia 29 a Lisboa.

Obrigado pelos cumprimentos que nos trouxe.

P.º Carlos Vaz

Seguiu na segunda para Lisboa, o rev.do padre Carlos Vaz que à Capital foi tratar de assuntos de grande interesse para a sua paróquia.

Festas da nossa terra a S. Bento e S. Marinha

Carta de Lisboa

Chaviães, 25

(Atrazada na redacção)

Há anos, já, que não assistíamos a estas duas festas da nossa terra: O S. Bento, em Fiães, e, em Rouças S. Marinha.

O S. Bento era a festa tradicional da gente da nossa terra. Manhã cedinho lá subiam, com seus farnéis, a caminho do Convento, osromeiros de S. Bento.

Do Rio, km Fiães, da vila, pela Cabana, de Rouças, pelo Renhadouro, os caminhos enchiam-se de gente, piedosa, às vezes, amortalhada, que ia levar as suas ofertas ao milagroso santo.

Como não iam a esta festa há muito tempo, lá fomos este ano, para escalar mais uma vez, a pé, a encosta, já que os «Serviços Florestais» estão a realizar um sonho de muita gente: uma estrada para Fiães — e que esperem, em fins de Outubro, tenha chegado ao Convento.

Chegamos pelas dez horas. Sôzinho, fomos reverendo de aquelas paragens da nossa infância, ali, onde viveu e morreu um tio meu — o padre João Vaz — de quem Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, disse que era um benemérito da Arquidiocese.

A sua casa e escola da Adedela foram canteiros de vocações sacerdotais.

Na capela-mór do Convento celebrei a minha missa, ao lado das cinzas de meus avós paternos que ali repousam.

Nota que na Igreja — ampla e grandiosa — há bancos, numerosos, para comodidade dos fiéis.

E' melhoramento do actual e zeloso pároco, padre Manuel Lourenço, que, para cuidar da grandeza da Casa do Senhor se deslocou em 1955, ao estrangeiro, onde recolheu donativos para a igreja paroquial e Capela do Coração de Jesus, na Adedela.

Terminada a Santa Missa, enquanto espero a celebração da missa solene, às 11,30, olho a alameda de carvalhos seculares.

Vão-me surgindo pessoas conhecidas de outras eras, parentes, e amigos de sempre.

E' um matar de saudades. São 11 e 30.

A nave central da Igreja, o transepto e o altar-mór, estão repletos de gente.

Como fiquei contente ao ver tanta gente no templo, à missa, quando, não há muito, as missas solenes de festa assistia um reduzidíssimo número de fiéis.

Depois a procissão, com a simplicidade e gosto de sempre.

De tarde tocou a banda de Tangil e, com grande e agradável espanto meu, vi que já se não dançava e que o povo passeava, conversava, ouvia a música, numa palavra: respeitava inteiramente as leis disciplinares do nosso Prelado.

Abençoado povo que ainda compreende a força da moral e da disciplina religiosa.

No dia 18 foi a festa de Santa Marinha, em Rouças, cujo relato foi feito pelo correspondente de Ponte do Lima para o «Diário do Minho», nos seguintes termos:

Realizou-se ontem, dia 18, como se tinha anunciado, a grandiosa festa em honra de Santa Marinha Padroeira da freguesia de Rouças, com extraordinário brilhantismo e concorrência de povo.

As solenidades religiosas foram deslumbrantes. Pregou o rev.do sr. P.e Júlio Vaz; a parte coral foi acompanhada com harmonium e vozes, das duas bandas de música, dos Arcos de Valdevez e Ponte do Lima; a procissão foi coroada do mais alto esplendor, incorporando-se grande número de anjos ostentando várias dedicatórias sobre os seus vestidos; Andores e as únas bandas de Música.

A missa foi acolitada por vários sacerdotes, entre estes o rev.do P.e Justino Domingues, pároco da vila de Melgaço, e rev.do P.e Manuel Lourenço pároco de Fiães e Vereador da Câmara daquele concelho. As bandas musicais foram muito apreciadas sob as regências do sargento Lopes e Diogo José de Oliveira, respectivamente dos Arcos e Ponte do Lima. A cabine sonora de Melgaço, desempenhou o seu papel muito bem, sem massacrar os tímpanos aos ouvintes. O rev.do pároco daquela freguesia e Arcipreste (daquele concelho, rev.do Carlos Vaz, está de parabéns por ver coroado do melhor êxito a festa da sua Padroeira, Santa Mariinha).

Muito povo, muita ordem, nem um descante nem um baile.

E a multidão imensa estava atenta, contente.

Diremos, mais uma vez: abençoada hora em que Sua Ex.cia Rev.ma resolveu moralizar as festas, e abençoado povo, que assim compreende as orientações do seu querido Pastor.

JÚLIO VAZ

AS PEDRAS TAMBÉM FALAM

Todas aquelas coisas que por vezes maior significado encerram e que deviam ser objecto de admiração (por parte de todos nós, à força de todos os dias as vemos, deixaram de ser coisas fora do normal, para, entrarem no paralelo dos objectos comuns e medíocres, que qualquer de nós (conceberia e daria forma concreta.

Nesta linha humilde asserção, queria chamar a campo o indiferentismo com que se olham (tão sumptuosos e belas monumentos que povoam esta encantadora Lisboa de lés a lés. Em todos os recantos, encontramos obras arquitectónicas levantadas à memória de homens illustres, as quais são hinos de louvor tecidos à volta deles por uma geração agradecida que, desta maneira, se vão da lei da morte libertando, segundo expressão do nosso épico.

Parte desses monumentos foram também erguidos não em honra de um homem propriamente dito, mas em satisfação de compromissos tomados em horas de angústias e tribulações ou em recordação de factos que marcaram uma época na história de Portugal.

Aparentam-se à nossa contemplação muitos e variados, porém aqui falarei só de alguns.

Começando pela parte ocidental da cidade, encontramos, em primeiro lugar a Torre de Belém. Desenvolveu, no decorrer da história, uma acção relevante na vida portuguesa; verdadeiro farol luminoso para as náguas que saíram em demanda de novos mundos.

Em seguida, temos a capela do Restelo. Ao falar dela sou levado a recordar aquele passo dos Lusíadas em que a pena admirável de Camões nos traça, em linhas sólidas, o começo da partida dos nossos homens para a Índia na primeira viagem. (A capela lá está, indifferente ao desgaste dos tempos, a recordar o princípio duma epopeia de bravura e heroísmo.

Depois temos os Jerónimos. Era ali que os antigos portugueses se fortaleciam na fé antes de partirem a rasgar novos horizontes; era ali que eles depunham aos pés da Virgem Santa Maria de Belém, todos os seus empreendimentos. E' ali também que estão guardados os restos mortais de alguns filhos da Pátria a quem dedicaram toda a sua vida.

Venhamos para o Terrei

ro do Paço. Aparece-nos, em primeiro lugar, a estátua a D. José.

Em seguida, temos o arco da rua Augusta. Tudo o que ele significa está sentenciado nas palavras que o encimam: virtutibus Maiorum ut sit omnibus documento as virtudes dos nossos maiores para que sirva a todos de lição. Sim, os feitos dos nossos antepassados que consolidaram as fronteiras da Pátria, que deram a Portugal um lugar preponderante entre as nações da Europa e alcançaram para o país vastos territórios ultramarinos são para nós uma lição constante e perene.

Mais acima, temos o monumento dos Restauradores. Vamos em pensamento a essa data de 1640.

Indo mais para cima temos o monumento aos mortos da grande guerra. Símbolo do esforço, do heroísmo e do sangue derramado pelos portugueses.

Por fim, no cimo da Avenida da Liberdade, surge-nos a mole gigantesca da estátua do Marquês do Pombal.

Mas não acabam aqui as pedras que são livros abertos à nossa vista. Em cada rua da cidade vemos um pedestal, uma estátua, por vezes uma simples lápide que nos atestam o valor de homens fortes, a nobreza duma raça e a gratidão de um povo.

Manuel Costinha

Correio de «A Voz»

PAGAMENTOS

Recebemos 520\$00 de assinaturas pagas.

Este ano não temos enviado recibos a cobrança, na esperança de que todos os nossos assinantes vão pagar por sua iniciativa.

Vamos lá querido amigo, envia o dinheiro da tua assinatura, e não esperes o recibo para pagar.

Não demores.

NOVOS ASSINANTES

Inscreveram-se como assinantes do nosso jornal, os sr.s António José Esteves, Guarda-florestal, e Manuel Domingues (Conde). Obrigado.

Para a Praia

Como acontece todos os anos, por esta ocasião, partiram para a praia de Ancora numerosas famílias deste Concelho.

Este bom povo deslocou-se em grande número no pretérito dia 10 e em scattida romaria até à freguesia de Rouças para assistir à grande festividade em honra de Santa Rita que ali se venera no seu novo e grandioso mosteiro.

Uma vez ali chegados e depois de assistir à Santa Missa e Sermão feito por um distinto orador, tivemos ocasião de admirar o belo e elegante mosteiro, digno de ser visitado por todas as pessoas que sabem apreciar as belas artes, porque ali estão todas reunidas. Servida por uma boa estrada todos os bons católicos podem e devem venerar esta gloriosa Santa e, além disso, desfrutar naquele local um horizonte cénico de delícias e belezas panorâmicas.

Esse dia foi para nós inolvidável, pelo muito que vimos e admirámos.

E para o próximo ano se Deus quiser, lá estaremos de novo a honrar a gloriosa Santa Rita e a apreciar, mais uma vez o que ali há de mais belo e atraente.

Chamo a atenção de todos os paroquianos que para esta peregrinação a Santa Rita foi preciso adquirir uma nova bandeira do «Apostolado da Oração» (ou digo melhor do S. Coração de Jesus) que custou a bela soma de 1.245 esc.

Esta bandeira destina-se (visto a já existente estar muito gasta) a todo o serviço da freguesia como sejam enterros, procissões e outros actos religiosos. E' aqui que eu quero chamar a vossa atenção porque os caminhos públicos estão uma miúda série, são uma verdadeira matagal pela falta de cuidado, de mistura com a preguiça, porque os vossos valados ou fundiais que confinam com o público, podiam andar sempre limpos.

E' muito provável que logo nas primeiras vezes que esta bandeira seja precisa, fique logo em pedaços. Meus caros amigos, vamos limpem os seus muros! — C.

Dr. Carlos Luís da Rocha

Toma hoje posse do notariado de segunda classe, em S. Pedro do Sul, o nosso conterrâneo dr. Carlos Luís da Rocha.

A fim de assistirem à posse, deslocaram-se àquele vila alguns dos seus amigos deste concelho.

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P. JOLIO HILÁRIO VAZ

Redacção e Administração, Interinas, Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Lúrio do Minho, Limitada» - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO XII

Melgaço, 15 de Agosto de 1957

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 149

NUNCA É DEMAIS

pelo DR. ABEL VARELA E SEIXAS

Quando num dos últimos meses e num dos últimos números de "A Voz de Melgaço" se nos deparou a justíssima homenagem prestada ao rev. P.e António Domingues, o "zeloso pároco de Parada", logo nos assaltou a ideia de a ela nos associarmos, muito e muito do coração. Encarando-o sob a faceta de "zeloso pároco de Chaviães".

Bem sabemos, que esse Sacerdote de batina estruturalmente limpa, o vai assaltar um assomo de contrariedade, deparando com estas linhas que reputará imerecidas, na sua humildade chocante, na sua simplicidade evangélica. Terá que absolver e perdoar ao leigo para quem o amor foi um dogma, o amor da Pátria é uma das razões da sua própria vida e o amor a Deus e às coisas do Seu espiritualismo, a alavanca potente onde apoia o coração, a sensibilidade e a ternura. Padre António Domingues, então ainda um moço, mais moço do que éramos, selou por si e com a Palavra do Senhor, quinze anos de perpétua e continuo noivado. Nunca o esquecemos, homem habituado a escutar muitos e largos reptos oratórios, nas frases simples, carinhosas, amigas e fraternas desse cura dum aldeia distante, aconselhando e esclarecendo o que seria a estrada que se abria perante olhares essencialmente jovens, estrada que havia de ser fértil em sangue, suor e lágrimas, bem dignas de muitas alegrias e grandes, que também houve, rosas e madressilvas, páscoas permanentes em hinos de paz e harmonia.

Nunca o esquecemos e tantas vezes nos tem servido de padrão para aferir de pureza de costumes e maneiras de ser. Humilde a sua igreja, simples e rudes as suas capelinhas, mas catedrais imensas onde predominava amor, estímulo e concórdia. É tão pura a Obra do Senhor que

(Continua na 3.ª página)

UMA CARTA

Queridos paroquianos em Cristo Jesus:

É com a alma cheia de saudades que vos envio deste humilde bercinho, que pela vez primeira nos embalou, as minhas afectuosas saudações e o meu profundo reconhecimento. Conservam-se ainda bem vivos nos mais recônditos escañinhos do meu pobre coração todos os fugazes momentos que Deus me permitiu viver convosco para assim de um modo especial poder experimentar as vossas alegrias e tristezas; os vossos sonhos e as grandes realidades. Convivi convosco nas habitações e no trabalho; nas aldeias afagadas pelo fresco ramalhar das árvores e nas grandes cidades. Foi nas vossas poéticas e pacíficas repúblicas que passei os dias mais felizes da minha vida. Esquecíamos-nos naqueles abençoados momentos que nos encontrávamos em França e falávamos apenas da nossa querida terra, da nossa amada Pátria. Reuniam-se assim num afectuoso abraço a nobre família, constituída pelo heróico emigrante castrejo e a linda aldeia-natal, sempre tão distante e agora tão próxima!...

Naquela comunhão tão íntima do Pároco com os seus bons paroquianos, recordei saudosamente os ilustres operários castrejos que, no Canadá, na Venezuela, nos Estados Unidos, no Brasil, na Turquia e principalmente na França trabalham afanosamente por um futuro melhor. São momentos que realmente se vivem, mas que é impossível descrever. Quando naquele memorável dia 11 de Maio, às 12 horas, o combóio me conduziu à Estação de Hendaia,

(Continua na 3.ª página)

Comandante Geral da Guarda Fiscal

Acompanhado de Sua Ex.ma Esposa, esteve, no dia 13, na residência paroquial de Rouças, a visitar o rev. do padre Carlos Vaz, o sr. general Luís Domingues, muito digno Comandante Geral da Guarda Fiscal.

Posse do sr. Dr. Carlos Luís da Rocha como notário, em S. Pedro do Sul

Como já noticiamos, realizou-se no passado dia 1 de Agosto, a posse do Ex.mo Senhor Doutor Carlos Luís da Rocha, em S. Pedro do Sul, a qual lhe foi dada, pelo Meritíssimo Juiz da-

quela Comarca e à qual assistiram pessoas de destaque naquela Vila, alguns dos numerosos amigos de Melgaço, que, para esse fim se deslocaram lá e to Ex.mo Sr. Dr. Bernardino Pereira Bernardes, Funcionário Superior do Ministério das Corporações e Prof. da Escola do Magistério de Lisboa e seu Pai.

De Melgaço estiveram presentes os Ex.mos Srs. P.e Justino Domingues, P.e Manuel Lourenço; Dr. Sérgio Saavedra e Dr. Manuel Ribeiro (médicos); professores: Manuel Pinho, António Pinho, António Queirós e Manuel Vaz; Armando Soalheiro, Aspirante da Câmara; Aníbal Alves, Presidente em exercício do Grémio da Lavoura; Artur Teixeira, capitalista e agente bancário; António Lima, comerciante; José Pereira, comerciante; Augusto Sá, gerente do O. Lavoura e Luis Lopes, motorista.

O acto da posse teve lugar às 15 horas no gabinete do Meritíssimo Juiz. Depois de lido o respectivo auto, prestado o juramento da Lei e assinado o auto pelos presentes, para cima de 50, usaram da palavra o Meritíssimo Juiz, o Presidente da Câmara, Dr. Sales Monteiro.

Dia da Assunção

Porque o dia 15 é dia Santo e Feriado nacional não pudemos publicar o nosso jornal no dia costumado.

Delegado dos Serviços de Censura, em Vila

Foi nomeado Delegado dos Serviços de Censura à Imprensa, neste Distrito, o sr. coronel António Gonçalves Pires.

Os nossos cumprimentos.

Convento de Fiães

Tenho chegado ao nosso conhecimento que as obras do eslebre Convento, iam ser principiadas, quisemos ouvir o rev. pároco que para esclarecimento do facto, nos mandou a seguinte carta que recebeu do Ministério das Obras Públicas.

Reverendo Padre Manuel Lourenço:

Em referência à carta de V. Rev.cia de 4 de Junho findo, encarregue-me Sua Excelência o Ministro de seguidamente transcrever a informação prestada pelo serviço competente deste Ministério, sobre o assunto no mesmo versado.

"Para cumprimento do despacho de V. Ex.cia de 12 do mês findo, exarado na carta do Padre Manuel Lourenço, que junto se devolve, tenho a honra de informar V. Ex.cia que do antigo "Convento de Fiães", apenas resta a Igreja, o claustro arruinado e dependências anexas, pelas quais se pode avaliar da grandeza inicial daquele monumento.

A igreja de estrutura românica, tinha primitivamente três naves, mais tarde demolidas e substituídas por uma única de largas dimensões. Do seu traçado restam ainda as janelas laterais da nave, com seus modilhões e pórticos, a abside completa, além de outros vestígios.

A fachada principal foi modificada no século XVII, época em que foi adicionada à igreja uma torre sineira, na qual foram substituídas as frestas primitivas, por largos janelões. Esta igreja, que nem sequer tem, como seu acesso, estrada para carros, foi classificada Monumento Nacional pelo Decreto de 16 de Junho de 1910, merecendo ser protegida da ruína que progressivamente a vai miando. No intuito de a ela obstar deverão realizar-se várias obras, sendo as principais as seguintes:

- Substituição completa da cobertura;
- Consolidação das paredes;
- Limpeza das paredes;
- Regularização geral de pavimentos e diversos trabalhos complementares.

Mais informo V. Ex.cia de que esta Direcção elaborou o estudo do plano geral das obras de que carece este Monumento, o qual importou na quantia total de 517 contos".

Em face desta informação, Sua Excelência o Ministro dignou-se determinar o restabelecimento de um plano de execução gradual dos trabalhos necessários, encarregando-se como fase de execução imediata o que se verifique indispensável para preservação do monumento contra o agravamento do seu estado de ruína.

(Continua na 3.ª página)

Prado, 10

De quando em vez, uma velharia... da casa alheia —

A não realização, aqui, hoje, da festa em honra de S. Lourenço deixou-me alguns momentos de ócio que aproveitei para passar em revista alguns dos meus velhos al-farrábios.

Assim, da leitura que fiz, chamou a minha atenção a referente à batalha de Saint Quintin — cidade francesa, situada à beira do Somme, sub-prefeitura do departamento de Aisne, condecorada com as cruzes de Guerra e da Legião de Honra, e com uma população da ordem dos 50.000 habitantes — cujo 4.º centenário passa, precisamente, hoje. Oça, pois, o leitor como G. Ducomdray a descreve (a páginas 122 e 127 da sua *Histoire de la France* — Livraria Hachette et Cie — Paris, 1877.

Henrique II, rei de França, aliara-se com o Papa Paulo IV — pontífice enérgico movido do desejo de tornar a Itália independente — contra o rei de Espanha, Filipe II.

Francisco de Guise, que tinha pretensões ao reino de Nápoles, entrou, pois, em Itália; mas, aqui, sem conseguir salvar o Papa, foi constrangido a submeter-se ao general de Filipe II — o famigerado Duque d'Alba. O seu exército e a sua pessoa teriam sido mais necessários em França.

Efectivamente, o rei de Espanha invadiu a Picardia, e sua mulher, a *Saintquintina* Maria Tudor de Inglaterra, contra a vontade dos ingleses, declarava também a guerra à França. Capitaneado pelo Duque de Savoia, Felisberto-Emanuel, o exército espanhol, a marchas ábeis e rápidas, chegou até Saint Quintin, onde o almirante Coligny teve apenas o tempo de se meter na praça com um efectivo de setecentos homens. Em seu auxilio accorreu o condestável de Montmorency com um exército de 15 a 30 mil homens para, através de pântanos que não estavam guardados, lançar na praça o socorro pedido por Dandelot, irmão de Coligny — operação que, começada a uma hora demasiado avançada e vagarosamente conduzida, foi violentamente flagelada pelo fogo dos assaltantes. Apenas 500 homens conseguiram passar, e quando o Condestável se dispunha a ordenar a retirada, com estupefação, reconheceu que a hoste inimiga o cercava completamente.

A cavalaria flamenga, que obedecia ás ordens do Conde d'Egmont e que vinha de sabrear um insignificante destacamento que se postara

na estrada de La Fère, barrava agora esta via, enquanto que, por sua vez, a infantaria espanhola premiava violentamente ambos os flancos do exército francês. No entanto, não estava tudo perdido ainda... e, como não estava, Montmorency formou seus homens em columna cerrada e fe-los retirar passo-a-passo.

As fileiras d'Agmont, porém, abrem-se e entre ellas a infantaria escoca-se, formando a cavalaria à rectaguarda. Mas apenas esta tinha desfilado que d'Egmont vai no seu alcance, flagella-a, premiu-a, esperando para atacar o fundo o momento em que ela perca o seu sangue-frio e bata em fuga desordenada.

Numa massa tão inopinada... tão rudemente accossada, o momento da desordem era quase inevitável, e d'Egmont, que o espiava, aproveitou-o logo, formando a sua hoste em esquadrões com os quais, dum só investida, dispersou toda a cavalaria adversária que, a galope e desordenadamente, fugiu até La Fère.

Agora só com a sua infantaria... Montmorency formou o quadrado e fez alto. A infantaria e a artilharia espanhola accorrem a um pronto... envolvem-no completamente, crivam-no de balas e pelouros, ferem-no, enfraquecem-no de quatro mil homens e forçam-no a depor as armas com todas as suas bagagens, canhões e cinco a seis mil dos seus que não haviam sido postos fora de combate. Os espanhols, vencedores, ao cair da noite daquele memorável dia 10 de Agosto de 1557, não contavam uma centena de mortos entre os seus...

Nunca derrota havia sido mais cruel. No seu retiro do mosteiro de Yusto (Extremadura espanhola), Carlos Quinto, ao ter de la conhecimento, estremeceu.

— Meu filho está já em Paris?, perguntou tele ao correio de Filipe (que lhe levava a nova, e, como a resposta deste fosse negativa, tristemente baixou a cabeça

Penso, 10

Nesta freguesia está a findar a luta dos trabalhos do campo desde Abril até fins de Setembro, de dia e noite para ver se adquirem com os esforços do seu trabalho o pão cotidiano.

— Em face do ardente calor tanto o vinho como o milho têm sofrido bastante.

— Está projectada a festa em honra de S. Tomé que se venera na sua capelinha na serra de S. Tomé.

— Também está projectada a festa de S. Bartolomeu.

— Realizou-se o casamento do sr. Maximiano Domingues com a s.ra Laura Rodrigues.

sem acrescentar uma única palavra.

Com efeito, quis a fortuna da França que o vencedor se obstinasse no cerco de Saint Quintin, onde Coligny, sem se emocionar com o desastre de que fora testemunha, se defendeu tenazmente ainda dezassete dias, recusou-se a capitular, apesar da praça ter sido aberta de sete brechas, recebendo intrépidamente o assalto e deixando-se aprisionar. Foi para Filipe II o único fruto desta grande vitória.

Em 26 do mês findo, fizeram exame do 2.º grau, na escola masculina da Vila tendo ficado todos bem, os examinandos: — Alberto Cândido de Sousa, António Bernardino da Silva Camacho de Carvalho (Malaquias), Elvira Luisa de Abreu (Remoães), Ilda Esteves, (Jorge Manuel Salgado Soares, José Fernandes (Remoães), Manuel Domingues (idem), Manuel Faustino Esteves Trancoso, Maria da Conceição Gonçalves do Souto, Maria Leonor Esteves Soeiro e Maria de Sousa Ribeiro (Remoães).

Parabéns a todos.

—Chegado de França, está entre nós, com sua esposa e gentis filhinhos, o sr. Manuel Domingues (Carvalho). Boas-vindas.

—Já regressou do Porto, onde tinha ido tratar da sua saúde, a s.ra D. Albertina dos Prazeres Rodrigues da Silva.

—Em honra de S. Lourenço, padroeiro da freguesia, e por iniciativa do nosso Rev.do Abade, realizou-se, hoje, aqui, missa, cantada, sermão e procissão.

—A fonte da Serra entrou no seu periodo habitual de férias... e o pior é que ainda se não vislumbra o dia em que se há-de por termo a este triste estado de coisas...

—E, em gozo de merecidas férias, acha-se no convívio de seus queridos avós o jovem Filinto Elisio Gomes Pinheiro de Almeida, filho muito querido do sr. prof. Alfredo Peixoto de Almeida e de sua Ex.ma Esposa, s.ra D. Maria Edite Natércia Gomes Pinheiro de Almeida. —C.

Rouças, 12

Partem brevemente para França os nossos amigos Fernando de Sousa, da Eira; José Abílio da Costa, do Val; e Manuel Neves, de Paço. Desejamos-lhes boa viagem.

Acompanhado de Sua Esposa e Filhos chegou à nossa terra o grande devoto de S. Rita, António Joaquim Meirim.

—Tem estado gravemente enfermo o nosso bom amigo sr. Manuel Lourenço, de Cavaleiros. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

—Esta freguesia sentiu também os efeitos de uma temperatura muito elevada, que prejudicou bastante algumas culturas.

As vinhas apresentam relativamente pouco fruto.

—Vindo da Argentina, chegou a Loviód um irmão do sr. António Daniel Gonçalves, que ali fixou residência.

—A nova estrada para Fiães lá vai seguindo e espera-se que no próximo mês de Novembro já esteja junto ao convento.

S. Paio, 11

Com grande pomposidade religiosa e civil, realizou-se, no pretérito dia 28, a festividade de Santo André. Teve muita concorrência de manhã e de tarde.

—Começaram, hoje, ás 13,5, os grandiosos festejos em honra de Nossa Senhora dos Remédios, que se venera no lugar de Sante, com programa musical selecto da afamada Casa Ponte, de Viana do Castelo.

—Chegaram de França os srs. José Esteves, de Barata; José Augusto Esteves e seu filho, da Rasa; e Armindo Rodrigues, da Ponte.

—O ano vinícola está decorrendo regularmente, apesar de haver menos quantidade do que o ano transacto.

—Os milharais estão bons; se o tempo continuar quente, é provável um bom ano cereífero. Deus queira.

—Já não têm conta as excursões turísticas, extra-concelhias, que atravessam esta freguesia a caminho de Castro Laboreiro e Peneda. Todas levam saudades e prometem voltar para o ano. — (C).

Parada do Monte, 10

Viajantes — Vindos de França, chegaram a esta freguesia os srs. Manuel Esteves, do Coto do Paço, Constantino Esteves, do Pereiral, Manuel Pires, da Lagarteira, Manuel Domingues, do mesmo lugar, Manuel Pires, do Casal, Justino Pires, da Aldeia Grande, António Rodrigues, idem, e José Rodrigues, do Tablado.

—Para o Porto onde foram fazer tratamento no Hospital partiram as Sras Rosa Domingues e Conceição Afonso, e seus maridos Justino Afonso e Justino Rodrigues que as foram acompanhar. Desejamos-lhes pronto restabelecimento e breve regresso ao seio dos seus.

—Para Lisboa partiu o sr. Justino Alves.

Nascimento — No dia 22 deu à luz uma criança do sexo feminino a s.ra Rosa Vieites, esposa do sr. Manuel Lourenço, do lugar do Casal.

Festividades — No dia 4 realizou-se a festividade em honra de Nossa Senhora da Vista, na sua capelinha na Minhoteira. Como nos mais anos saiu da Igreja a procissão com destino à Minhoteira onde se realizou a festa, pelas 11 horas com um lindo dia de sol, sendo a festa abrilhantada pela banda de Cavenca, correndo tudo na melhor ordem.

O tempo e a agricultura — Após quase um mês de intenso calor, refrescou o tempo. Pois já há muitos anos que não fazia um calor como este ano. Os batatais que estavam prometedores, pouco vão dar. A secca apertou-os ou melhor secaram os batatais antes do tempo. Os milharais estão prometedores se não houver contratempo neles. A colheita dos fenos foi boa, e abundante. Quando estamos escrevendo estas linhas está a chover abundantemente o que muito veio beneficiar a agricultura. Águas já quase não havia nem sequer para os moinhos moerem. — (C).

— Vindos de Lisboa estão presentes o sr. António Fernandes Dias e sua família.

— Também chegou de surpresa o nosso amigo João Esteves, dos Barreiros, e o sr. Manuel Pereira, da Cachada e sua família. — (C).

Uma carta...

(Continuação da 1.ª página)

o meu coração pareceu pulsar mais agitadamente. Desejava levar a todos os queridos paroquianos um abraço terno e afectuoso meu e das suas famílias e dizer-lhes que, mesmo nas terras mais distantes, eles emigrantes, ocupavam um lugar de extraordinário relevo nos nossos corações.

Ao amanhecer e ao morrer do dia, quando do velho e saudoso campanário da nossa linda Igreja a voz suave e augusta do sino anuncia as Trindades, as nossas mãos de castrejos e de crentes elevam-se ao Céu e dos nossos lábios saem humildes e fervorosas orações a pedir a Deus que vos abençoe e vos proteja nos vossos custosos trabalhos. Até na minha viagem fui extraordinariamente feliz. Os meus bondosos companheiros multiplicaram as suas atenções e carinho para comigo. Para eles vão os meus reconhecidos agradecimentos. Era vosso desejo esperar-me na Estação de Austerlitz. Embora desconhecêsseis o dia da minha chegada, logo que entrei na linda e extraordinariamente grande cidade de Paris, a notícia do meu desembarque espalhou-se por toda a Capital e comecei a abraçar paroquianos meus.

Durante 20 dias que fui hóspede da Cidade da luz, recebi dos meus estimados paroquianos as mais eternecidas provas de carinho e estima. Sabia-os já muito meus amigos. Nunca porém imaginei receber deles provas tão cativantes de amizade. Fostes todos demasiadamente generosos para comigo. Ficai porém certos de que, com as vossas ofertas, sacrifícios, e carinho, vai-se construir uma linda residência paroquial, onde todas as pedras que a constituem serão preciosos diamantes a encastrar a vossa gloriosa frente. Beijo respeitosamente as vossas mãos caejadas pelo trabalho. Admiro os vossos sacrifícios, louvo o vosso espírito de camaradagem e sinto orgulho de ser vosso pároco. Com a vossa dedicação, amizade e carinho, que me dispensais, ficai certos de que, unidos, elevaremos cada vez mais o nível da nossa terra. Esta já será não mais uma terra abandonada, nem esquecida, mas sim um belo jardim que todos nós plantamos e do qual seremos sempre cuidadosos jardineiros. Não há porém alegria sem tristeza. Aproxima-se o dia 26 de Maio, em que estava marcada a nossa festa e a custosa despedida. Eram 14 horas apenas; e à avenida Allées Gambeta de Paris começavam a afluir numerosos grupos de paroquianos meus que, cheios de entusiasmo e carinho, me cumprimentavam. Depois de deambularmos por aquela grande avenida a regorgitar de gente de diferentes países e raças, entramos no belo parque primorosamente ajardinado, e cujos arnuamentos eram carinhosamente ensombrados por frondosas árvores.

Reunidos à minha volta encontravam-se naquele lindo parque algumas centenas de paroquianos. Depois de lhes agradecer toda a estima, dedicação e carinho que me haviam dispensado durante o tempo que com eles vivera, disse-lhes que ali estava reunida uma grande família, cujos membros eram todos os paroquianos e chefe o pároco; que viviam numa cidade saturada de grandeza, lama e miséria moral; que se não deixassem enlamear; que os trazia a todos no coração e aos pés de Nossa Senhora de Lourdes os recordaria nas minhas orações. Na nossa custosa despedida houve abraços e também lágrimas. Ficai porém certos de que jamais vos esquecerrei. Acompanhar-vos-ei sempre nas vossas peregrinações por terras de França.

Abraça-vos em Cristo Jesus o vosso pároco e amigo, grato e obrigado,

Padre Antbal Rodrigues

« Correio de A Voz »

UMA CARTA SIGNIFICATIVA

Louvado seja Deus, que nos chegam assinantes (de toda a parte).

Do Canadá veio-nos esta carta, com dois pedidos:

«Em virtude de estar no Canadá, gosto de saber notícias da minha terra Natal. Pedia, sendo possível, enviar-me o jornal da Voz

de Melgaço», tantas quantas vezes sair. Encontra-se na minha companhia um colega que também se quer inscrever.

Já seguiram os primeiros números da assinatura.

NOVOS ASSINANTES

Manuel Rodrigues da Silva, França; Carlos Pereira de Sousa e José Joaquim Lourenço, Canadá.

Estes dois últimos pagaram, adiantadamente, a assinatura.

Muito obrigado a todos.

Cartas à Redacção

Porto, 4 de Agosto de 1957

Dig.mo Sr. Chefe da Redacção e Editor Carlos António Vaz

Dig.mo Sr.: eu, Herculano Rodrigues do lugar de Estivadas, Freguesia de Paderme, Concelho de Melgaço, vindo dos Estados Unidos do Brasil no dia 25 de Fevereiro, deste mesmo ano, após seis meses de ter visitado o nosso lindo Portugal, ao qual deixei muita amizade nos pontos em que me encontrei, vinha por este meio, rogar-lhe, ao Dig.mo Sr., o favor de anotar no seu jornal, «A Voz de Melgaço», um annunciozinho, referente ao meu regresso ao Brasil, no dia 6 do corrente mês e desejando a todos os meus amigos com que me encontrarei e a todos os outros que não consegui encontrar-me, muitas felicidades até um breve regresso, do sempre amigo, que muito atenciosamente se subscreve

Herculano Rodrigues

N. R. — Ao nosso prezado assinante desejamos que tivesse boa viagem e que a vida lhe sorria em felicidade e prosperidade.

Posse do Sr. Dr. Carlos Luis da Rocha

(Continuação da 1.ª pág.)

ro, que entre outras afirmações disse: «estar ali, em seu nome e em representação do Ex.mo Governador Civil de Viseu, Dr. Manuel Marques Teixeira e do sr. Dr. José Augusto de Almeida, presidente da C. C. da U. Nacional, ausentes em Lisboa, os quais lhe pediam para apresentar cumprimentos, naquele acto, ao empossado, pois, já tinham conhecimento da sua forte personalidade»; o reverendo P. Manuel Lourenço, que, num feliz improviso, felicitou e enalteceu as qualidades morais, intellectuais e profissionais, focando duma maneira especial, o chefe de família exemplar, o funcionário honestissimo e o politico integro. Por fim e para agradecer falou o empossado, que se dirigiu, em especial, à representação Melgaçense, bem assim como a todos os presentes, agradecendo às Ex.mas Autoridades todo o apoio e carinho que lhe dispensaram.

Depois, na residência do sr. (Dr. Rocha, teve lugar um fino copo de água, durante o qual se trocaram amistosos brindes e foram lidos (vários telegramas de felicitações.

Nunca é demais

(Continuação da 1.ª página)

se encarmos ao Seu resplendor a planta mais triste dos valados e dos caminhos, encontrar-lhe-emos poemas magníficos de poesia e encantamento.

O seu povo, a sua aldeia linda e simples, rude e montanhosa, sempre o glorificou em fidelidade absoluta e integral, selada com selos de caridade, na carta que nunca se fecha e onde se lê, à guisa de saúde, ser a voz do mesmo povo, a própria voz de Deus.

Vivia as suas aspirações e bem nos recorda em tarde escaldante dum fim de Agosto o acompanharmos caminho arriba, na esperança de o ver transformado em estrada para as suas gentes, sonhando os escaninhos da mesma, adivinhando-lhe a paisagem daquela curva, o sugestivo daquele perfil e quem sabe se o romantismo de parzinhos enlaçados no prelúdio do lar e da vida.

Também não escapava ao principio de que sendo fácil sonhar e como quem com Deus vive, é dos cânones que Deus o ajuda, a estrada rompeu mais tarde, quando o Sacerdote já se recolhera à sua tebaida natal. Há na vida das armas condecorações e louvores, divisas, galões e estrelas. E este homem, como bom samaritano e junto dos seus povoados e das suas gentes, não lhe ficariam mal sobre o negro dos trajes talares, as estrelas dum generalato na infantaria do exército do Senhor.

Que magnífico ornamento da sua honradíssima Classe, que esplêndido soldado das campanhas em que se conquistam almas e tomam posições em nome de Fé!

São estas palavras isentas de interesse ou terceiras maneiras de ver, especialmente quando, como para nós, o homenageado representa um episódio saudoso da nossa vida e a distância nos separa para escassos e incertos fortuitos encontros.

Fez bem, muito bem, esse leal e combativo soldado, que se chama P.e Júlio Vaz, apresentando-o como exemplo, ele, que em ânsias de perfeição, nem sabe recuar, e muito menos se adapta ou coaduna às chamadas linhas da rectaguarda. Bem haja! E porque se mais não fez, despertou-nos a gratidão, lembrou-nos uma palavra de Justiça em que, enaltecendo um, prestamos preito de admiração aos padres da nossa terra, o «bom abade» que é evocado em toda a parte pela sua especialíssima maneira de ser, simples, clara e essencialmente democrática — se nos permitem o termo — junto dos seus paroquianos, considerados família, amigos e camaradas.

O homem que se disputa nas festas das nossas terras, para convidado de honra. E, quando assim succede, quem não viu já a vaidade, que nestes não é pecado, dos pequenitos do lar, cheios dela, porque para sua casa foi o «senhor Abade». Que brinca com eles, que lhes conta histórias de meninos bons, dando-lhes como exemplo outro «Menino», o maior de todos, honzinho como eles, nascido nas palhinhas dum presépio de Belém; que harmoniza os mais velhos, quando desavindos, que os aconselha quando se afastam da via-láctea da honra e do dever e que lhe encaminha os últimos passos, na hora alta do desprendimento da vida terrena, para essa outra vida melhor, deixando que fiquem na paz de Deus e na Sua mão direita, séculos e séculos em fora, pares que se amaram, aguardando o fim do mundo para a ressurreição da vida ao soar da trombeta de Jeová. Homens, como aqueles que no inferno da Guerra de Espanha, Vicente Gracia, S. J., em magnífica descrição a que não queremos tirar o sabor espanhol, referindo-se a alianças de amor e noivado e às poucas recordações de sacerdotes e de família, proclamava em ordem de ternura: — «y la alianza rica de amores de la menestrala humilde, que yo mismo he visto dispredela del dedo, besarla com lagrimas de dulce recuerdo e entregala en la taquilla del Banco. No ha faltado pobre cura de aldea montañeza, sin sueldo del Estado ateo y com vida de limosna qui dió sus doblillas, ultimo legado de su madre muerta, diciendo: — qui mejor destino poedo darles que la salvacion de la Patria?»

São assim estes modestos «curas de aldea montañeza»!

Convento de Fiães

(Continuação da 1.ª página)

Ver-se-á cuidadosamente o que é necessário e possível fazer-se ainda este ano.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Ex.cia os protestos da minha elevada consideração.

A Bem da Nação.

Lisboa, 27 de Junho de 1957.

O Chefe do Gabinete

Felix Amaral

Melgaço, 7 de Agosto de 1957.

Ex.^{mo} Senhor Director de "A Voz de Melgaço"

O n.º 145 de "A Voz de Melgaço", insere um escrito assinado por Júlio Vaz, intitulado "O advogado que mentiu, para me condenar, e que nem, com a mentira, o conseguiu", onde, nomeadamente, se escreve:

"Antes de o fazer desejo esclarecer o leitor de que na minha vida, os meus contactos com o Dr. José Joaquim de Abreu, tiveram sempre, a presença dos tribunais judiciais. Nunca lhe aceitei conversa senão nessas circunstâncias. Estes contactos foram:

- quando o dr. Abreu foi advogado de acusação no processo que a junta de freguesia de S. Paio moveu contra o correspondente desta freguesia para "A Voz de Melgaço" de que eu sou director, acusação que nem sequer teve andamento".

A afirmação contida no referido escrito de Júlio Vaz é falsa. Eu não fui advogado de acusação contra o correspondente de "A Voz de Melgaço". Fui advogado de acusação sim, constituído por aquela junta, tendo o Réu, que agora concluí não ser o correspondente do referido jornal, sido condenado em imposto de justiça, depois de dar explicações, que lhe foram aceites.

Este desmentido destina-se a ser publicado na "Voz de Melgaço", nos termos do artigo 53.º do Decreto 12.008, no seu primeiro número, gratuitamente e na mesma página onde foi publicado o escrito, § 1.º e 3.º do referido artigo.

José Joaquim de Abreu

N. R. — *A este respeito, informa o nosso correspondente em S. Paio, António Augusto Gonçalves Ribeiro: "A Junta de S. Paio processou-me por causa da correspondência, assim como ao meu cunhado, senão o advogado da Junta o mesmo dr. Abreu".*
J. V.

Sociedade

Fazem anos: — Amanhã o jovem Alberto Magno Pereira de Castro; no dia 18 a s.ra D. Maria de Lourdes Magalhães Machado Lourenço, a menina Maria Fernanda Esteves Teixeira e o sr. Albertino Domingues; no dia 19 a s.ra D. Joracy Gomes Alves, os srs. Cláudio de Sousa Lobato e P.e José Marques (50 anos, bodas de ouro) e o jovem Jorge Dantas da Costa Afonso; no dia 21 a s.ra D. Maria Rosa Fernandes Domingues; no dia 22 as sras D. Maria da Assunção Madeira e D. Maria Hermínia Rodrigues Pereira e o sr. Alberto Augusto de Sousa e Castro Júnior; no dia 23 as sras D. Esmália de Nazaré dos Santos Lima Peres e D. Maria da Glória Gonçalves Pereira e o sr. Mário Augusto Feliciano; no dia 25 os srs. eng.º Armando Jorge Ferreira da Silva e dr. Artur Anselmo Gonçalves de Castro; no dia 26 o sr. António de Jesus Merim; no dia 27 a s.ra D. Felicidade Gomes de Sousa Calheiros; no dia 28 o sr. Claudino Augusto Rodrigues; no dia 29 o sr. João Baptista Vaz e o jovem Mário José Solheiro Pinto; no dia 30 o sr. Herculano Arsénio Gomes Pinheiro e no dia 31 os srs. José Simplício Moreira (Peleila) e Martins de Barros.

Notas pessoais — Chegado do Brasil, está na sua casa da Calçada e de visita a sua irmã Ex.ma sr.a D. Palmira Pires Teixeira, o sr. Artur Pires Teixeira, filho do saudoso melgaçense que em vida se chamou João Pires Teixeira. Muito boas-vindas.

— Com boa classificação, fez exame do 5.º ano, no Liceu Alexandre Herculano, da cidade do Porto, o jovem Floriano Luís Pereira Rosalino, estremeado neto do nosso velho amigo sr. Floriano Luís Rodrigues. Nossas felicitações.

— Estão para Vila Praia de Ancora o sr. prof. Manuel Luís de Pinho Gonçalves, sua Ex.ma Esposa e gentis filhinhos.

— Foi a Madrid, donde já regressou o muito rev.dº Arcipreste concelhio sr. P.e Carlos António Vaz.

— Como tínhamos anunciado, acaba de chegar a esta Vila, com sua esposa e filhinhos, o nosso particular amigo sr. António de Jesus Merim, de França.

Dois bilhetes postais...

sem selo

Amigo Gonçalves:

Cá me foi entregue a tal «Lembrança» sobre os Palhares de Trute que agradeço.

Pená é que ela não esteja completa (falta-lhe, pelo menos, uma folha) pois seria interessantíssima. Mesmo assim, aproveito ali duas ou três informações de subida importância.

Vê se consegues desencantar por aí muitos destes alfarrábios e manda-mos que antecipadamente te agradeço. Abraça-te o Amigo velho

Mário

Sr. Berto:

Aquí, nesta Casa, não se mente; e, porque assim é, não retiro uma vírgula sequer a todo o teor do artigo que escrevi para «A Voz de Melgaço» de 1 de Abril próximo passado — excepto o número do Consulado de Portugal em Paris, que ainda no ano findo era no 18 da Av. Kleber e não no 17 da mesma Avenida, como por lapso se publicou — lapso que só notei com o seu reparo. Neste ponto, porém, um leitor perspicaz teria visto uma gralha tipográfica e não um erro do Autor, o que não foi o seu caso.

Quanto ao mais... é assunto para ser tratado em correspondência particular e pessoal, que não nas colunas da Imprensa; pelo que — se o entender — queira dirigir-se ao

Mário

Desastre

com uma bicicleta motorizada

No passado dia 6 seguia em bicicleta motorizada o sr. Manuel Salgado, Guarda Fiscal, e foi de encontro a um muro na Rua de Rio do Porto, ficando gravemente ferido, pelo que teve de ser socorrido no Hospital da Misericórdia.

Notário

Foi nomeado notário do Concelho o sr. dr. José da Encarnação Ramos Pereira Pedreira.

Nossos cumprimentos.

Santa Rita

Vamos continuar!

O que está feito em Santa Rita e neste pequeno lapso de tempo, parece um sonho!

A coincidência da abertura da nova estrada para o santuário e a inauguração da igreja precisamente no mesmo dia e no mesmo ano, foi uma bênção de Deus! Há alguns anos atrás, não se acreditava nesta possibilidade. Mas Santa Rita é a santa dos impossíveis.

Na igreja, esperamos para breve, o novo sacário, que será inaugurado no próximo mês de Setembro e custará 12.500\$00. E o douramento do altar-mor, que ficou muito lindo, far-se-á também em breve, se Deus quiser.

Mas as obras de Santa Rita não são apenas as da igreja.

Seremos capazes de fazer, monte acima, naquele triângulo, onde se plantaram bastantes árvores, uns grupos de capelinhas, como na Senhora da Peneda?

Seremos capazes de fazer a "Casa da Mesa", a "Casa da Criança", o "Calvário", este nos moldes elaborados pelo saudoso P.e Américo, para descanso, alívio e cuidado dos velhinhos pobres, abandonados e doentes?

Seremos capazes de fazer enfim o "Lar de Santa Rita", com a sua obra de assistência aos pobres, aos velhinhos doentes, à criança e à rapariga?

S. Ex.cia o Sr. Ministro das Obras Públicas teve a gentileza de associar-se à inauguração da nova igreja, fazendo-se representar por S. Ex.cia o Sr. Eng.º Silveira Durão.

A Suas Excelências, a nossa profunda gratidão. Mais que nunca, precisamos de ajuda. A todos os Melgaçenses que nos acompanharam nesta obra, muito obrigado.

Agradecidos e confiados, vamos começar.

Deus o quer.

P.e Carlos

P. S. — No próximo número publicaremos a lista dos doativos mais recentes.

Chaviões, 9

O nosso sonho preillecto — Esta freguesia continua a debater-se com a enorme falta de água para regar os campos, problema este que nos causa muitas apreensões na quadra estival. Os terrenos são férteis e de superior qualidade, porque os frutos germinam e desenvolvem-se com apreciável pujança, mas chega a ocasião de serem regados e até a ramada para os animais é de inferior qualidade.

E' deveras triste para este bom povo ver os seus frutos, produto de tantas fadigas e cansaças desaparecerem por falta do precioso líquido. A população aumenta de ano para ano e se tivéssemos a água para rega suficiente já éramos felizes porque o pão e os outros frutos que nesta região se cultivam davam o necessário para este bom povo viver mais ou menos remediado. Mas nós, povo de Chaviões, temos fé e esperança nas Ex.mas Autoridades governativas que o tão desejado e indispensável reservatório não se fará esperar por muito tempo e temos a certeza que os trabalhos por elas já projectados seguem o seu curso normal, porque sem água suficiente para regar os nossos frutos no verão viveremos com muita dificuldade.

Ajudem-nos pois, encarecidamente lhes pedimos.

De férias — Em gozo de licença encontra-se em casa de seus queridos pais no lugar das Lages o sr. Firmino José de Carvalho, funcionário público na cidade de Braga. Que as aproveite, porque um mês passa depressa.

— Também estiveram a gozar as suas licenças, no lugar de Soengas, os srs. Manuel Fernandes e Carlos Afonso, funcionários públicos na cidade do Porto.

— De Braga também chegaram os jovens Luís Reinales e Maximino Reinales, e a menina Beatriz Emília Reinales, distintos alunos do Liceu da mesma cidade.

— Igualmente se encontra entre nós o jovem seminarista Manuel de Lima, filho do nosso amigo sr. Manuel Luís de Lima, comerciante na nossa vila e de sua dedicada esposa sr.a D. Maria Esteves Calçada.

A todos o nosso abraço de boas-vindas.

Partida — Para Lisboa partiu depois de ter passado algum tempo entre nós, o jovem José Augusto Lourenço, activo empregado comercial. Que tivesse boa viagem são os desejos de sua família e amigos. — (C.).